MISTÉRIOS DA BÍBLIA

DOSSIÊ DE FONTES

O Dilúvio Esquecido que Aconteceu Antes de Noé

Bibliografia comentada das fontes textuais, rabínicas e mesopotâmicas utilizadas na reconstrução documental do episódio

Documento de referência — uso editorial interno
Compilado para fins de verificação de fontes e transparência documental

SUMÁRIO

I. Cânone Hebraico e Novo Testamento

II. Literatura Midráshica e Talmúdica

III. Targumim — Traduções e Paráfrases Aramaicas

IV. Literatura Pseudepígrafa — Jubileus e 1 Enoque

V. Literatura Cristã Síria — A Caverna dos Tesouros

VI. Literatura Mesopotâmica — Suméria e Babilônia

VII. Literatura Cabalística — O Zohar

VIII. Nota Metodológica sobre o Uso das Fontes

SEÇÃO I

Cânone Hebraico e Novo Testamento

Gênesis 4:26 e 5:6–11

Torá — Bereshit (Gênesis)

Registra o nascimento de Enos, filho de Sete, e a frase "então começou-se a invocar o nome do Senhor" — base textual sobre a qual toda a tradição rabínica posterior constrói a narrativa da idolatria nascente. A genealogia do capítulo 5 fornece ainda a base cronológica para a datação de Jarede como sexto patriarca entre Adão e Noé.

Gênesis 6:1–8

Torá — Bereshit (Gênesis)

Descreve os Nefilim "naqueles dias, e também depois", a corrupção e violência que enchem a terra, e o prazo de cento e vinte anos concedido à humanidade antes do dilúvio — utilizado como a quarta camada de advertência explorada no episódio.

Isaías 54:9

Nevi'im — Livro de Isaías

Referência profética às "águas de Noé" no singular, citada no episódio como evidência textual de como a memória de qualquer dilúvio anterior já havia se dissolvido na tradição profética de Israel.

2 Pedro 2:5

Novo Testamento

Chama Noé de "pregador da justiça", sustentando a leitura tradicional de que ele pregou arrependimento durante o período de graça que antecedeu o dilúvio.

SEÇÃO II

Literatura Midráshica e Talmúdica

Gênesis Rabá 23:6–11

Midrash Rabá — coletânea amoraíta, Palestina, séc. IV–V

Fonte central do episódio: identifica os dias de Enos como o início da idolatria, descreve o castigo do mar transbordando sobre um terço do mundo habitado, e preserva o detalhe geográfico comparativo entre Jope e a Berbéria como medida da diferença de escala entre o primeiro dilúvio e o de Noé. Preserva também a tradição do luto de sete dias de Deus antes do dilúvio final.

Midrash Tanchuma, Noach 18

Midrash Tanchuma — coletânea homilética atribuída a Rabi Tanchuma bar Abba

Reafirma, com fórmula quase idêntica à de Gênesis Rabá, que o mar transbordou sobre um terço do mundo como punição direta à idolatria da geração de Enos, e situa esse evento explicitamente como prelúdio do dilúvio de Noé.

Talmud Babilônico, Shabat 118b

Talmud Bavli — tratado Shabat

Utiliza a idolatria da geração de Enos como padrão de comparação para a gravidade de outros pecados, evidenciando o peso que essa geração ocupava na memória rabínica.

Talmud Babilônico, Sanhedrin 57a e 108a

Talmud Bavli — tratado Sanhedrin

Discute os pecados de "corrupção" e "violência" mencionados em Gênesis 6 como referências específicas à imoralidade sexual e à idolatria, ligando tematicamente os dias de Enos e os dias de Jarede à causa final do dilúvio.

Yalkut Reuveni, s.v. Enosh

Compilação midráshica tardia, R. Reuven Hoeshke Katz (séc. XVII)

Preserva a lenda do ídolo colossal erguido na geração de Enos e da invocação dos corpos celestes, atribuindo o ensino dessa prática a Semiaza e Azael — nomes que reaparecem, gerações depois, entre os líderes dos Vigilantes.

SEÇÃO III

Targumim — Traduções e Paráfrases Aramaicas

Targum Pseudo-Jônatas a Gênesis 4:26

Targum palestino, redação final estimada entre os séc. VII–VIII

Parafraseia o verso como o início do desvio idólatra, reforçando a leitura de que "invocar o nome" descreve profanação, não devoção.

Targum Onquelos a Gênesis 4:26

Targum babilônico oficial, redação atribuída ao séc. II

Convergente com o Pseudo-Jônatas ao situar "em seus dias" — os dias de Enos — o começo do declínio espiritual da humanidade.

Mekhilta de-Rabi Ishmael, Bahodesh 6

Midrash halákhico tanaítico sobre o Êxodo

Citado no episódio em apoio à cronologia rabínica que localiza a origem da idolatria nos dias de Enos, dentro da mesma linha de tradição preservada pelos targumim.

SEÇÃO IV

Literatura Pseudepígrafa — Jubileus e 1 Enoque

Livro dos Jubileus 4:15

Pseudepígrafo judaico, séc. II a.C.; fragmentos encontrados em Qumran; canônico na Igreja Ortodoxa Etíope

Explica o nome de Jarede pela raiz hebraica "descer", associando-o diretamente à descida dos Vigilantes — enviados, nesta versão, com a missão original de instruir a humanidade em justiça e retidão antes de se corromperem.

1 Livro de Enoque 6:1–8:3 (Livro dos Vigilantes)

Pseudepígrafo judaico, seções mais antigas datadas do séc. III a.C.; fragmentos aramaicos em Qumran; canônico na Igreja Ortodoxa Etíope

Narra o juramento coletivo de duzentos Vigilantes no monte Hermon "nos dias de Jarede", preserva os vinte nomes de seus líderes, e descreve a transmissão de conhecimento proibido — metalurgia bélica, feitiçaria, cosmética — que corrompe a humanidade.

1 Livro de Enoque — Livro das Luminárias (caps. 72–82)

Pseudepígrafo judaico, seção astronômica

Referenciado como pano de fundo da cosmologia enoquiana utilizada para contextualizar a idolatria astral dos dias de Enos.

SEÇÃO V

Literatura Cristã Síria — A Caverna dos Tesouros

Caverna dos Tesouros (Me'arath Gazze)

Compilação cristã síria, tradicionalmente atribuída a Efrém, o Sírio; redação final estimada séc. VI

Preserva uma terceira tradição sobre os dias de Jarede: o juramento dos filhos de Sete de nunca descer da montanha sagrada onde Adão foi sepultado, sua quebra no quingentésimo ano de vida de Jarede, a instigação atribuída a Satanás, e o nascimento dos "filhos de gigantes" da mistura com a linhagem de Caim. Preserva também a variante dos cento e trinta anos de aviso antes do dilúvio.

SEÇÃO VI

Literatura Mesopotâmica — Suméria e Babilônia

Lista Real Suméria

Tradição cuneiforme sumero-acadiana; cópia mais completa no Prisma Weld-Blundell (Museu Ashmolean, Oxford), início do séc. II a.C., refletindo tradição muito mais antiga

Enumera oito ou dez reis antediluvianos que teriam governado em Eridu antes do dilúvio, com reinados medidos em unidades sar e ner, base comparativa para a escala temporal antediluviana mesopotâmica.

Beroso, Babyloniaca (fragmentos)

Sacerdote babilônico do templo de Marduque, séc. III a.C.; obra original perdida, preservada em citações de Alexandre Poli-histor, Eusébio de Cesareia e Flávio Josefo

Preserva a lista de dez reis antediluvianos terminando em Xisutros (Ziusudra), e a figura de Oanes e dos sete apkallu, sábios primordiais que emergem das águas para civilizar a humanidade antes do dilúvio — paralelo estrutural à missão original dos Vigilantes em Jubileus.

Épico de Atrahasis

Composição em acadiano, versão padrão datada do reinado de Amissaduqa (séc. XVII a.C.), refletindo tradição oral mais antiga

Fonte central da Seção III do episódio: narra as três advertências divinas — peste, seca e fome — enviadas por Enlil e sucessivamente driblidas por Enki antes da decisão final de trazer o dilúvio total, incluindo o estratagema de Enki avisando Atrahasis através da parede de junco.

SEÇÃO VII

Literatura Cabalística — O Zohar

Zohar, Bereshit e Noach (diversas passagens)

Compilação cabalística, atribuída por tradição a Rabi Shimon bar Yochai (séc. II), redação manuscrita disseminada por Moshé de Leão, Espanha, séc. XIII

Fornece a leitura mística do dilúvio como manifestação de Guevurá (rigor) desacompanhada de Chessed (misericórdia), retoma a figura de Azael como anjo caído acorrentado, e sustenta a correspondência simbólica entre as dez gerações de Adão a Noé e as dez sefirot, situando Jarede na posição de Tiféret.

SEÇÃO VIII

Nota Metodológica sobre o Uso das Fontes

Este dossiê reúne as fontes textuais — canônicas, rabínicas, pseudepigráficas, cristãs sírias e mesopotâmicas — utilizadas na reconstrução documental do episódio "O Dilúvio Esquecido que Aconteceu Antes de Noé". As fontes rabínicas (midrash, Talmude, targumim) são tradições interpretativas e homiléticas, não têm estatuto de escritura canônica dentro do judaísmo, e são aqui apresentadas como testemunhos de uma tradição interpretativa antiga, não como registro histórico factual. Os textos pseudepigráficos (Jubileus, 1 Enoque) e a Caverna dos Tesouros circularam como literatura religiosa amplamente lida na Antiguidade, sendo canônicos apenas em tradições específicas — notadamente a Igreja Ortodoxa Etíope — e apócrifos nas demais. As fontes mesopotâmicas (Lista Real Suméria, Beroso, Épico de Atrahasis) são apresentadas como paralelos comparativos de história das religiões, sem qualquer relação de dependência direta comprovada com o texto bíblico. A reconstrução documental integra esses fragmentos numa narrativa coesa com finalidade educativa e de entretenimento cultural, preservando a atribuição correta de cada fonte.

Dossiê compilado para o canal Mistérios da Bíblia — uso editorial interno.